

BEAUCHAMP HALL

DANIELLE STEEL

Autora com **um bilhão** de cópias
vendidas no mundo



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

BEAUCHAMP HALL

DANIELLE
STEEL

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Danielle Steel, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Beauchamp Hall*

Preparação: Wélida Muniz
Revisão: Paula Hercy Cardoso Craveiro e Diego Franco Gonçalves
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Renata Spolidoro
Imagem de capa: Antony McAulay/ Adobe Stock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Steel, Danielle
Beauchamp Hall / Danielle Steel; tradução de Sandra Martha Dolinsky.
– São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.
240 p.
ISBN 978-85-422-2939-4
Título original: Beauchamp Hall
1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha
24-4784 CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana

 Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo/SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



CAPÍTULO 1

WINONA FARMINGTON ABRIU UM ÚNICO OLHO E, PELA janela, viu aquele lugar maravilhoso que ficava branquinho durante a maior parte do inverno, o lugar em que acordava todos os dias: Beecher, Michigan. Era uma cidade pequena que ficava a quase duas horas ao norte de Detroit e que tinha dez mil habitantes. Beecher era famosa por ter sido atingida pelo décimo tornado mais fatal da história dos Estados Unidos, na década de 1950, muito antes de Winnie nascer. Mas nada de mais aconteceu lá desde então.

O outro lado da cama de casal estava frio, o que significava que Rob havia se levantado há pelo menos uma hora para ir trabalhar no frigorífico. Ela adivinhou, antes mesmo de olhar pela janela, que ele não se dera o trabalho de limpar a neve da noite anterior. A casa onde morava havia sido de sua mãe, e agora era dela e da irmã, Marje. A irmã já era casada com Erik e tinha filhos quando a mãe morrera, a casa deles era própria, de modo que Winnie ficou morando na casa e combinaram que, se um dia a vendessem, dividiriam o valor meio a meio. Mas, pelo menos por enquanto, Marje não precisava de dinheiro. Seu marido era dono de uma empresa de encanamentos bem-sucedida, e a casa era um bom investimento, que provavelmente valorizaria, por isso ela nunca pedira a Winnie que a vendesse.

Rob dormia na casa de Winnie quase todas as noites. Ele tinha um apartamento, mas raramente ficava lá, a não ser quando brigavam,

ou quando saía com os rapazes e voltava tarde e muito bêbado e não queria ouvir Winnie reclamando na manhã seguinte. Tirando isso, ele dormia na casa dela, mas não consertava nada, não se sentia ligado ao lugar e só ajudava em uma coisinha ou outra quando ela pedia. Deixava algumas roupas no armário dela, mas nada muito pessoal, e nenhuma de suas peças favoritas.

Certa vez, Winnie saíra de Beecher para estudar na Universidade do Michigan, em Ann Arbor, e havia adorado a cidade onde passara três anos. Ela tinha grandes sonhos na época, queria trabalhar no mercado editorial em Nova York depois que se formasse. Até havia visitado a cidade algumas vezes com suas colegas de quarto e adorara; mas a mãe ficou doente no final do terceiro ano e, no fim do verão, achavam que ela só teria mais poucos meses de vida. Winnie não quis ficar longe da mãe nos últimos dias; sempre foram próximas, principalmente depois que Marje saíra de casa ao concluir o ensino médio. Winnie tinha oito anos na época e ficara com a mãe só para si, e o tempo que passaram juntas tinha sido precioso. A mãe compartilhava com ela sua paixão por livros, o encanto de Jane Austen, das irmãs Brontë, de seus escritores favoritos, biografias de famosos, livros de história e romances modernos.

Winnie acabou trancando o primeiro semestre do último ano para ficar com a mãe, mas como, ao chegar o Natal, ela não havia melhorado, não voltou à faculdade no semestre seguinte e ficou cuidando dela. Depois de viver a agitação da faculdade, tinha sido difícil voltar para uma cidade pequena e pacata onde nada acontecia. Voltar para Beecher havia sido como voltar à infância, e todo seu foco estava na mãe. Ela não tinha vida própria. Vários amigos se casaram depois de terminar o ensino médio, outros foram para Detroit em busca de empregos melhores do que os que encontravam em Beecher. Alguns haviam ido para a faculdade, mas não muitos. Outros até já tinham filhos e, de repente, Winnie não tinha mais nada em comum com eles. E vivia ocupada cuidando da mãe.

Nunca tocaram no assunto, mas Marje simplesmente presumira que Winnie ficaria ao lado da mãe. Ela já tinha um marido e um filho, e havia deixado claro que não tinha tempo. Winnie era solteira, ainda fazia faculdade, e Marje não via razão para que os planos da irmã não fossem adiados e seus sonhos deixados em segundo plano. Winnie era a escolha óbvia para cuidadora e não decepcionaria a mãe. Ela abria mão de muita coisa pelas filhas, e Winnie não queria abandonar a mãe nos últimos meses. Amava-a e queria passar o máximo de tempo possível com ela.

Milagrosamente, e contra todos os prognósticos médicos, a mãe viveu mais sete anos e até se recuperara várias vezes, mas nunca por tempo suficiente para Winnie partir de novo. A mãe havia travado uma batalha nobre e, por fim, morreu quando Winnie tinha vinte e sete anos. A essa altura, parecia tarde demais para voltar para a faculdade; ela tinha um emprego, uma casa, uma vida, e Nova York e seus sonhos pareciam estar em outro planeta. Na época, Winnie era caixa de um restaurante e depois arranhou um emprego melhor em uma gráfica. Conheceu Rob quatro meses depois da morte da mãe, e o tempo passou como um rio desde então, arrastando-a junto. Winnie não precisava de um diploma universitário para o trabalho que fazia; suas habilidades organizacionais naturais e seu bom senso eram suficientes.

Era difícil acreditar que ela e Rob namoravam havia onze anos. Ela não era loucamente apaixonada por ele, mas Rob era familiar, e o relacionamento, confortável. Eles nunca falavam de casamento nem do futuro; viviam o presente: jantavam juntos na maioria das noites, iam ao cinema, às vezes jogavam boliche com os amigos. Não era o que ela queria de verdade, mas não havia ninguém mais interessante por ali. E, assim, em um piscar de olhos, ela foi dos vinte e sete para os vinte e nove anos e comemorou os trinta em um jantar com Marje, Erik e Rob. E, com a mesma rapidez, fez trinta e dois e depois trinta e cinco anos. Estavam juntos havia dez anos quando Winnie completara trinta e sete. E, agora, tinha trinta e oito e não sabia onde foram parar os

últimos onze anos. Marje sempre lhe dizia que precisava se casar e começar a ter filhos antes que fosse tarde demais. Convenientemente, parecia ter esquecido que Winnie havia passado sete anos, anos cruciais, cuidando da mãe, enquanto Marje alegava estar ocupada demais para ajudar. Winnie não tinha raiva por isso, mas era um fato de sua vida: havia sacrificado uma boa parte de seu tempo, e nunca o recuperaria.

Também não conseguia se imaginar tendo filhos com Rob; não que ele estivesse ansioso para isso, ou para se casar. O homem tinha trinta e nove anos e a maioria dos seus amigos estava se divorciando depois de quinze, vinte anos de casamento. Marje e Erik tinham um bom casamento, pareciam bem felizes. Winnie sabia que a irmã tivera pelo menos um caso, talvez dois, que jamais admitiria, mas Beecher era pequena, as pessoas falavam e Winnie adivinhava. Não sabia se Erik sabia. Ele era um bom provedor e um pai excelente, técnico da liga infantil dos dois filhos. Winnie não conseguia imaginar Rob fazendo isso; ele tinha sobrinhas e sobrinhos por quem não se interessava muito, e se referia a todos como “pirralhos”.

Certa vez, Winnie lera na *Cosmopolitan* que mulheres não podiam manter relacionamentos sem futuro depois dos vinte e oito anos, pois corriam o risco de ficar presas durante anos e perder oportunidades de casamento e filhos, possivelmente até ser tarde demais. A revista também alertava que os quarenta anos chegam sem que a pessoa percebesse. A mãe sempre insistira para que tentasse encontrar o homem certo e se casasse antes que perdesse o frescor da juventude. Ainda não havia chegado a isso, mas estava perto, e estava com um homem que não a fazia perder o fôlego, que dava Winnie por garantido na maior parte do tempo e que nunca disse que a amava. Não era exatamente um relacionamento sem futuro; era mais uma relação de possibilidades em aberto, claudicante havia anos e que não chegava a lugar nenhum. Winnie se perguntava se por acaso ele aceitaria se casar se ela exigisse, mas não exigia porque não sabia muito bem o que achava da ideia. Era um relacionamento prático: uma caixa de bombons no Dia dos Namorados,

quando ele se lembrava, e o homem quase sempre esquecia o aniversário dela, mas a levava para jantar alguns dias depois, se tivesse tempo. Ela não via sentido em se casar, a menos que quisessem filhos, mas não queriam. Não estava pronta para ter filhos; queria primeiro descobrir o que esperava do futuro.

“É melhor descobrir logo”, dizia a irmã, “ou vai acordar um dia com quarenta e cinco, cinquenta anos, e será tarde demais, pelo menos para ter filhos. O tempo passa mais rápido do que você imagina.” Marje era dez anos mais velha que Winnie.

“Só tenho trinta e oito”, dizia Winnie, e Marje insistia: “Sim, e semana passada tinha vinte e oito. Você não será jovem para sempre, Win”. Marje sempre gostava de lembrar a Winnie que ela estava envelhecendo; isso a deixava mais confortada por estar na meia-idade. Marje e Erik demoraram muito para ter filhos, que agora tinham catorze e dezessete anos. Eram bons garotos, não tinham nenhuma ambição de sair de Beecher. Erik esperava que, um dia, os dois trabalhariam com ele em sua empresa de encanamento, e nenhum deles se opunha. Já o ajudavam depois da escola. O negócio dava muito dinheiro e nenhum dos meninos pretendia fazer faculdade, visto que os pais não fizeram. Os três anos de Winnie em Michigan e sua especialização em inglês e em escrita criativa eram considerados uma aberração para a família. Ela entrara na faculdade antes de seus sobrinhos nascerem, de modo que não era um exemplo com o qual eles pudessem se identificar, e ela também não havia feito nada de especial na vida.

Ela se mantinha ocupada com as coisas que gostava de fazer. Ainda era uma leitora voraz e a primeira na lista da biblioteca para pegar todos os best-sellers publicados. A mãe havia sido voluntária na biblioteca da cidade aos fins de semana e incutira nela o amor pelos livros. Winnie escrevia contos de vez em quando e sempre foi bem nas aulas de escrita na faculdade. E, quando a mãe ficou doente demais para continuar trabalhando, Winnie assumiu uma de suas tarefas favoritas: ler histórias para crianças todos os sábados de manhã. Também

era um trabalho voluntário, e ela o adorava. Para as crianças da cidade, a mãe tinha sido a “moça das histórias”, e Winnie assumira seu lugar com prazer. No início, fora para ajudar a mãe, que não queria decepcionar as crianças que a esperavam aos sábados. Mas isso deu a Winnie a oportunidade de compartilhar com as crianças os presentes que a mãe lhe dera. Apresentou a eles o conto *Os sapatinhos vermelhos*, *A teia de Charlotte*, *Stuart Little*, *O pequeno príncipe*, *O jardim secreto*, *Mulherzinhas...* e Nancy Drew para as meninas um pouco mais velhas. As crianças a adoravam, e Winnie pôde ler de novo seus livros favoritos da infância. Ela tinha um dom para crianças, assim como a mãe, embora não acreditasse nisso.

Marje sempre dizia que os livros que a mãe lia para ela a deixavam entediada, ao passo que Winnie os devorava, para alegria da mãe. Todos os sábados de manhã, Winnie passava duas horas na biblioteca e era “A moça das histórias”, dando continuidade à tradição da mãe, seguindo seus passos. Era o único contato que tinha com crianças, além dos dois sobrinhos, que não esboçavam o menor interesse por livros, assim como a mãe deles.

Outra paixão de Winnie eram os cavalos, desde pequena. Tivera oportunidade de cavalgar na fazenda do pai de uma amiga e fizera algumas aulas de equitação. Cavalgava direitinho, e o pai de sua amiga havia dito que ela tinha um talento natural. Winnie gostava de cavalgar, mas gostava mais de observar os cavalos. Parecia, instintivamente, saber o que o animal pensava ou sentia. Certa vez, entrara no estábulo onde ficava um cavalo que havia sido maltratado antes de ser comprado pelo pai da amiga. Ninguém conseguia montá-lo; ele vivia com os olhos arregalados, aterrorizado, espantava qualquer um que tentasse montá-lo e dava coices em quem se aproximasse. Os homens que trabalhavam no estábulo diziam que ele não tinha jeito e que pretendiam vendê-lo, ou pior. Winnie sentiu tanta pena do animal que entrou no estábulo onde ele ficava sozinho. Conversou em voz baixa com ele, que a olhava aterrorizado, mas imóvel. Ele deixou que ela o

acariciasse e bateu os cascos no chão. Um dos homens os observava, com medo de gritar para Winnie se afastar, impressionado com o que ela estava fazendo.

Com o tempo, Winnie conseguiu montá-lo, sem sela, apenas com as rédeas. A partir de então, chamavam-na de “a encantadora de cavalos”. Ela tinha talento para domar cavalos maltratados, e o povo de Beecher sabia disso e a chamava de vez em quando para ajudar. Para eles, ela tinha um dom. Winnie não tinha chance de usá-lo com frequência, mas ele estava lá. Era como se pudesse entrar na mente de um cavalo e aplacar seus medos. Eles confiavam nela e sempre se acalmavam em sua presença.



Winnie tirou o pijama de flanela e entrou no chuveiro. Tinha o corpo longilíneo, esbelto, em contraste com Rob, que era corpulento e barrigudo. Ele gostava de beber cerveja quando chegava do trabalho. Marje havia engordado e tinha um tipo de corpo diferente do de Winnie, que sempre fora alta e magra, de cabelos escuros, olhos azul-claros e pele branca. Com roupas melhores e um lugar para usá-las, teria sido bonita. A mãe delas havia sido bonita, mas relaxara ao ficar viúva aos trinta e três anos. O marido morrera em um acidente de caça. Marje se lembrava um pouco do pai, mas Winnie, não. A irmã era mais parecida com ele, forte e robusta, e depois de ter filhos tendera a engordar. Ela invejava o corpo esguio de Winnie, mas cozinhava para a família e comia demais, o que tornava difícil perder o peso que havia ganhado. Tinha sido a rainha do baile no ensino médio, mas parecia dez anos mais velha do que era, ao passo que Winnie parecia mais jovem. Ela nunca foi rainha do baile, e não ligava para isso. Estava sempre perdida nos livros que lia.

Enquanto secava o cabelo, olhou de novo pela janela, tentando avaliar quanto tempo levaria para tirar a neve da entrada da garagem. Fazia isso quase todos os dias, visto que nevava quase todas as noites

nessa época do ano. Rob poderia ter cuidado da tarefa antes de ir para o trabalho, mas isso nunca acontecia. Quando ela pedia, ele dizia que não era a casa dele e que por isso deixava a caminhonete na rua, e sugeria que ela fizesse o mesmo.

Ela fez uma tigela de mingau de aveia instantâneo e tomou uma xícara de café, vestiu a parca e as botas de neve, pegou a pá na garagem, calçou as luvas e foi limpar a neve. Levou meia hora para afastá-la o suficiente para passar por cima com sua SUV, e chegou apenas dez minutos atrasada à gráfica, onde era gerente de produção, responsável por todos os projetos importantes. Tinha habilidades excepcionais de organização e, graças a ela, cumpriam todos os prazos. Não era um trabalho criativo, mas era vital para o bom funcionamento da empresa, e ela o fazia bem.

Hamm Winslow, seu chefe, saiu de sua sala e olhou feio para ela. Winnie odiava o emprego e seu chefe, mas ganhava um salário decente. Ele era dono da gráfica e era seu chefe havia dez anos. Sua melhor amiga, Barb, também trabalhava lá, mas não em um cargo de gerência; era boa com layouts e a parte visual.

— Que bom que chegou antes da hora do almoço — disse com sarcasmo.

Ele sempre tinha algo desagradável a dizer; não tinha respeito por seus funcionários nem por ninguém. Era uma péssima pessoa.

— Desculpe, a entrada de minha garagem ficou coberta de neve — disse ela com tom afável.

— Só a sua? Por acaso esperava despertar no Havaí? Acorde mais cedo e não se atrase de novo, entendido? — Ele era ainda mais desagradável com as mulheres que com os homens, mas ninguém dizia nada.

— Desculpe.

Estava sempre furioso, reclamando de alguma coisa. Nada jamais era feito suficientemente rápido ou bem para ele, e tinha prazer em apontar em público os erros que seus funcionários cometiam.

— Ele está de ótimo humor — comentou Winnie baixinho, enquanto se sentava à mesa ao lado de Barb.

Elas fizeram o ensino fundamental e o médio juntas, e depois Barb foi para a faculdade e fez um tecnólogo, o que não parecia fazer muita diferença. Ela namorava Pete havia quatro anos; eles ficaram noivos poucos meses antes e iam se casar no próximo verão. Seu futuro marido era dentista e um sujeito legal. Barb passava todo seu tempo livre planejando o casamento; fariam a festa no hotel da cidade. Barb queria trabalhar com ele depois que se casassem. Pediria demissão e Winnie teria que enfrentar o ogro sozinha. Não estava muito ansiosa para isso.

— Alguém fez merda naquele pedido grande do banco — sussurrou Barb. — Precisava vê-lo gritando dez minutos atrás.

— Ainda bem que cheguei atrasada — sussurrou Winnie por sua vez, sorriu para Barb e ligou o computador.

Era como na escola, quando se sentavam lado a lado na sala de aula. Barb abriu uma gaveta e apontou para três revistas de noivas, Winnie riu.

— Vou jogar o buquê para você. É bom que esteja preparada para pegá-lo — disse Barb, sorrindo.

— Com certeza vou me desviar dele — disse Winnie, verificando o pedido que apareceu na tela.

Ainda não estava pronto e o prazo estava próximo. Teria que falar com a produção imediatamente. Hamm não percebia como o trabalho dela era vital para ele; e se percebia, não demonstrava. Nunca a elogiava nem lhe agradecia.

— Rob é um cara legal, você deveria se casar com ele. Está na hora, Win — comentou Barb, dando continuidade a seu comentário sobre o buquê.

— Quem disse? — respondeu Winnie, nem um pouco preocupada.

— Estamos ficando velhas!

— Aos trinta e oito? Você parece minha irmã. Ela se casou logo após o ensino médio. Graças a Deus não fizemos isso! Ela já poderia ser avó, meu Deus! É assustador.

— Se não se apressar, você terá idade para ser avó quando começar a ter filhos.

Não havia mais nada para fazer em Beecher, exceto casar, ter filhos, jogar boliche e softball no verão. Não disse nada, mas queria mais que isso, muito mais. Barb já havia sido noiva uma vez, depois de anos namorando o mesmo homem, e não dera certo. Ele a traía o tempo todo. Agora ela estava pronta para se casar e com pressa de ter filhos. Mas Winnie, não.

— Você está esperando quem, o Bradley Cooper? Que bobagem, você já tem tudo de que precisa.

Não era assim que Winnie via as coisas, mas não disse nada. Não sabia o que queria, mas sabia que não era trabalhar para Hamm Winslow pelo resto da vida. Também não tinha certeza quanto a Rob. Depois de onze anos, sabia que as coisas jamais seriam melhores do que eram. O relacionamento deles era, na melhor das hipóteses, chocho, mas não ruim a ponto de ela querer terminar. Só não era emocionante nem romântico. Rob dizia que só mulheres, e homens com baixa testosterona, eram românticos e gostavam de sentimentalismo. Era uma maneira de ver as coisas... Winnie não esperava que ele jogasse rosas aos seus pés, mas um pouco mais de atenção viria a calhar. Tipo limpar a entrada da garagem para ela de vez em quando, para que não se atrasasse para o trabalho e não tivesse que começar o dia com frio e cansada. Rob poderia fazer pelo menos isso por ela, especialmente porque dormia lá quase todas as noites. Ele comprava comida de vez em quando e achava que já fazia muito. Sempre dizia que, afinal, a casa dela era própria e ela não precisava pagar aluguel, por isso, podia arcar com a própria comida. Rob não era nada galante.

Por fim, as duas começaram a trabalhar; Winnie foi resolver o problema na produção. No final do dia, Barb lhe perguntou:

— Está a fim de jantar na minha casa hoje? Pete vai a uma conferência de odontologia em Detroit.

— Vou jantar na casa da minha irmã — disse Winnie, e suspirou.

— Superdivertido... só que não.

— É, mas ela reclama quando demoro a ir lá. Diz que os meninos sentem minha falta. Eu sei que não é o caso, eles nem falam comigo quando estou lá. Eu faria o mesmo na idade deles.

— Divirta-se— disse Barb, dando um sorriso malicioso.

Saíram do trabalho, e cada uma foi para o seu carro. Já estava escuro, fazia um frio terrível e as estradas estavam congeladas. Mas eram só três quilômetros até a casa de Marje, e Winnie era cuidadosa ao volante.

Ela entrou pela porta dos fundos quando chegou; viu os meninos, Jimmy e Adam, assistindo à TV na sala de jogos do porão. Dava para ouvir tudo lá da porta da frente. E, como sempre, a casa estava uma bagunça. Ninguém ligava; o ponto forte de Marje não era cuidar da casa e ela não se sentia culpada. Erik estava acostumado, parecia nem perceber. E quando a bagunça o incomodava, ele mesmo arrumava.

Encontrou a irmã na cozinha, preparando o jantar. Carne de panela, uma comidinha apropriada para uma noite fria. Marje cozinhava bem e sua família comia muito. Winnie, não, mas o cheiro estava bom. Marje tinha sorte, não precisava trabalhar havia anos. Podia ser só dona de casa, graças à empresa de Erik, e ganhava um carro novo a cada dois anos. Tinha um Cadillac Escalade, que era muito melhor que a SUV de seis anos de Winnie.

— Como foi o trabalho? — perguntou Marje, checando a carne e sorrindo para ela.

Elas eram muito diferentes, mas tinham o vínculo de irmãs. Marje culpava a mãe por incentivar Winnie a ser uma sonhadora. Certa vez, no ensino médio, Marje debochava de Winnie quando esta escrevera um artigo sobre por que o sr. Darcy, de *Orgulho e preconceito*, era seu herói favorito e que queria se casar com um homem como ele. Winnie adorava histórias de outros séculos, de preferência ambientadas na Inglaterra, o que a irmã achava ridículo. Marje adorava assistir a reality shows e nunca lera um livro na vida. A mãe havia desistido de tentar incentivar Marje a ler na adolescência e compartilhou seu amor pelos livros com a filha mais nova.

— Tudo bem — respondeu Winnie. — Hamm é um idiota, só fica feliz quando está brigando e humilhando alguém na frente dos outros. Não muda nunca.

Mas ambas sabiam que o salário era bom e que Winnie tinha muito tempo de casa. Ela não queria recomeçar em outro lugar, e isso também se aplicava a Rob. E se nunca conhecesse outra pessoa? Era mais fácil ficar com “mais do mesmo” no trabalho e na vida afetiva.

Falaram um pouco sobre Erik e as crianças enquanto Winnie arrumava a mesa, até que Marje tocou em seu assunto favorito:

— E você e Rob?

— Não comece, por favor! Saímos para trabalhar, ele aparece à noite, dormimos e voltamos ao trabalho no dia seguinte.

— Nossa, que exótico! — disse Marje. — E muito parecido com um casamento. Vocês têm anos de prática, podiam se casar de verdade um dia desses.

— Por que quer tanto que eu me case?

Era só sobre esse assunto que elas conversavam, o que irritava Winnie.

— Não quero que você perca sua vida. Acredite, na sua idade, o tempo passa voando. Não quero que você perca a oportunidade.

— Não estou perdendo nada. Estou feliz.

— De verdade? Você não gosta do seu trabalho, seu chefe é um idiota, não é louca por seu namorado, e o que mais tem na vida?

— E o que você tem na sua? — rebateu Winnie. — Só Erik e as crianças. Sua vida não é mais emocionante que a minha.

— Combina comigo — disse Marje, e Winnie sabia que era verdade. — Você sempre foi sonhadora, e tenho medo de que fique só sonhando enquanto a vida passa, esperando que uma mágica aconteça. Mágica não existe, Winnie. A realidade é tudo que temos.

Para Winnie, essa visão era triste.

— Quer dizer que não serei a Cinderela quando crescer? — disse Winnie, irônica. — Mamãe sempre dizia que eu poderia ser o que

quisesse, por isso entrei na faculdade e queria trabalhar em Nova York.
— Teria sido muito mais do que ela tinha ali.

— Mas isso não aconteceu, e você tem que se virar com o que tem. Como diz o ditado: “Floresça onde você está plantada”.

Isso era filosófico demais para Marje.

— Nossa, que profundo! — disse Winnie, sorrindo, debochada. — Acha que não estou florescendo?

Ela sabia que a irmã tinha boas intenções, mas, às vezes, era um pé no saco. E havia um grande abismo entre elas. Eram muito diferentes, sempre foram. Isso não havia mudado.

— Na verdade — disse Marje, estreitando os olhos para observá-la —, você parece deprimida. Por que não faz umas luzes, ou muda a cor do cabelo? Rob vai gostar.

Tudo sempre girava em torno de Rob e do que Winnie poderia fazer para que ele a pedisse em casamento. Marje tingia os cabelos de louro, mas tinha sete centímetros de raízes escuras. Os de Winnie eram naturais, castanho-escuros, quase pretos. A mãe sempre dizia que ela parecia a Branca de Neve.

— Ele gosta de mim do jeito que sou — argumentou Winnie. — E não estou deprimida. Aceito minha vida como ela é.

Mas, a caminho de casa, pensou de novo no que havia dito. Ela aceitava a própria vida? Estava de boa com ela, ou ainda queria mais? Tinha direito a querer? Não tinha certeza. O jantar na casa da irmã havia sido como sempre, os adultos falavam do trabalho e das crianças; depois, havia um breve caos quando os meninos chegavam à mesa, e Winnie voltava para sua casa vazia. Rob estava jogando boliche com os amigos naquela noite.

Ela acendeu as luzes quando chegou e passou alguns minutos sentada em frente à lareira da sala. Lembrou-se de quando ficava ali com a mãe, nos últimos anos de vida dela, conversando sobre os livros que liam e os sonhos que as histórias provocavam. Naquela época, Winnie ainda achava que voltaria à faculdade, mas nunca tocaram

nesse assunto, porque só aconteceria depois que a mãe morresse. No fim, ela não voltara.

Winnie ouviu a porta se abrir e se virou; viu Rob entrar, batendo as botas para tirar a neve. Ele era um homem grande, corpulento, parecia um lenhador, e não falava muito. Sua família era da Noruega, daí a aparência rude e forte.

Ela esperava que ele voltasse para casa mais tarde, como sempre.

— Chegou cedo hoje — disse, e sorriu. — Acabei de chegar da casa de Marje.

Ele pegou uma cerveja, abriu-a, tomou um gole e se sentou no sofá ao lado dela com a lata na mão.

— Todo mundo estava cansado hoje, e dois rapazes estavam doentes. Paramos mais cedo e ficamos um pouco no Murphy's.

Winnie sentiu o cheiro do hálito dele. Rob não era alcoólatra, mas bebia muito. Dizia que era seu lado escandinavo. Seu cunhado também bebia muito, mas a maioria das mulheres que ela conhecia, não.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, olhando a sala onde nunca passavam tempo.

Geralmente ficavam na cozinha ou no quarto de Winnie. A sala tinha um ar de velhice; ela não mudara nada desde a morte da mãe. Estava cheia de coisas de sua mãe e de antiguidades que herdara da avó. Winnie mantinha a sala como se fosse um santuário.

— Estava pensando em minha mãe e nos livros que líamos juntas. No final, eu lia em voz alta para ela. *Rebecca* era um de seus favoritos.

Não fazia ideia de por que estava contando isso a Rob, pois sabia que ele não dava a mínima. Só de pensar em ler um livro, o homem já sentia sono.

— Sentimental demais — disse ele com indiferença, terminou a cerveja e se levantou. — Estou exausto, vou dormir.

Ela apagou as luzes e o acompanhou até lá em cima.

Ele ligou a TV, despiu-se, jogou as roupas no chão e entrou na cama enquanto ela tomava banho, caso ele quisesse fazer amor. A vida sexual

do casal era muito boa, apesar da falta de romantismo dele. Rob era ótimo na cama quando estava inspirado. Era isso que os mantinha unidos havia onze anos; era a coisa mais forte que tinham.

Winnie saiu do banho falando com Rob, mas ele não respondeu. Entrou no quarto e o viu deitado de costas, roncando. As cervejas da noite de boliche o derrubaram. Ficou olhando para ele por um instante, depois vestiu o pijama e desceu na ponta dos pés até a estante da mãe. Sabia exatamente onde estava o livro que queria; não o lia havia anos: *Jane Eyre*.

Subiu correndo com o livro e foi para a cama, sorrindo. Abrir aquele livro foi como uma visita à mãe, uma viagem no tempo. Era sempre reconfortante ter nas mãos os livros dela. Winnie adorava essa sensação, o cheiro familiar deles. As páginas estavam amareladas, e foi como encontrar um velho amigo quando começou a ler, com Rob roncando ao lado. Sabia que, quando acordasse de manhã, ele já teria saído sem tirar a neve da frente da garagem, caso nevasse à noite. Nada jamais mudaria, mas enquanto lia o livro que ganhara da mãe quando era menina, nada ao seu redor importava e sua vida real desaparecia. Essa era uma das melhores coisas da leitura: ela podia simplesmente desaparecer e esquecer tudo de que não gostava na própria vida.